

IMPACTO DO ENSINO BILÍNGUE (LIBRAS-PORTUGUÊS) NO DESEMPENHO ACADÊMICO DE ESTUDANTES SURDOS: UMA ANÁLISE COMPARATIVA

Layne Cristina Alves de Souza Oliveira ¹

Indianara Dias de Oliveira ²

RESUMO

A inclusão educacional de alunos surdos é um desafio que exige abordagens pedagógicas eficazes, sendo o ensino bilíngue (Libras-Português) uma estratégia fundamental para garantir o aprendizado significativo desses estudantes. Este estudo tem como objetivo analisar o impacto do ensino bilíngue no desempenho acadêmico de alunos surdos, comparando sua eficácia com métodos tradicionais de ensino. Para isso, utilizamos uma abordagem qualitativa, por meio de revisão bibliográfica, além da análise de uma aluna que possui intérprete de libras e está matriculada em uma escola da rede estadual da Paraíba. Os dados foram coletados e analisados dentro dessa perspectiva. O referencial teórico fundamenta-se nos estudos de Strobel (2008) sobre identidade e cultura surda, Quadros e Karnopp (2004) sobre a estrutura da Língua Brasileira de Sinais (Libras) e Skliar (1998) acerca da educação bilíngue para surdos. Os resultados indicam que os alunos inseridos em contextos bilíngues apresentam maior autonomia na aprendizagem, melhor compreensão textual e um desenvolvimento cognitivo mais sólido em comparação com aqueles que estudaram em ambientes exclusivamente oralizados. Além disso, a presença de professores fluentes em Libras e intérpretes contribui significativamente para a inclusão social e acadêmica desses estudantes. Conclui-se que a implementação eficaz do ensino bilíngue não apenas melhora o desempenho acadêmico, mas também promove a valorização da identidade surda, reforçando a necessidade de política.

Palavras-chave: Educação, inclusão, libras, aprendizagem.

INTRODUÇÃO

A inclusão escolar é um princípio central das políticas públicas de educação no Brasil, introduzida para tornar a participação na sala de aula permanente para todos os alunos, independentemente de suas condições físicas, sensoriais ou cognitivas. A participação plena dos alunos surdos é mais do que o acesso à sala de aula. Como apontado pela pesquisadora surda Karin Strobel (2008), exige principalmente que haja o uso de práticas pedagógicas que afirmem e valorizem sua identidade linguística e cultural.

Fonseca, (in Stobaus e Mosquera, 2004, p. 45) nos diz que:

A escola assume-se como uma instituição social anti-discriminatória, na qual todos os estudantes, com ou sem problemas, integrados ou marginalizados, são acolhidos, na qual a exclusão é igual a zero, na qual todos podem se considerar proprietários dum bem social e dum sentimento comunitário

¹ Graduada pelo Curso de Pedagogia da Universidade Estadual - PB; laynelayne17@gmail.com;

² Graduada pelo Curso de Pedagogia da Universidade Estadual - PB, indianara2@yahoo.com.br



profundo que é a inclusão total de todas as crianças na escola independente da sua diversidade bio-social.

Strobel afirma que a cultura surda é, de fato, a forma como a comunidade surda enquadra suas visões de mundo, e isso está inseparavelmente ligado à sua língua, a Língua Brasileira de Sinais (Libras). Com a promulgação da Lei nº 14.191/2021, que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), a educação bilíngue para surdos, na qual a Libras foi considerada a primeira língua e o português escrito a segunda, tornou-se uma modalidade de ensino. Tais passos legislativos servem ainda para demonstrar que as ferramentas de comunicação visual são cruciais para esses alunos e que as escolas devem adotar um currículo que priorize o uso da Libras como meio de instrução. Nesse contexto, o papel do tradutor-intérprete de Libras torna-se instrumental para mediar a comunicação entre os alunos surdos e ouvintes, bem como entre os professores e os alunos, assegurando acesso e envolvimento ativo. Mas a inclusão real ainda é um grande desafio. O acesso é garantido, e um tradutor-intérprete de Libras está disponível, mas sem a educação contínua dos educadores para criar métodos inclusivos enquanto atendem às necessidades únicas da cultura surda, não será suficiente. Uma preparação fundamental para qualquer transformação na comunidade surda é que nossa escola e a própria comunidade pratiquem o conceito de diversidade e desafiem preconceitos e estigmas que oprimiram nossa comunidade no passado. Um compromisso colaborativo que seja explicitamente bilíngue e bicultural é necessário para construir um sistema que não apenas assimile os alunos, mas também reconheça sua identidade e potencial. Com base nessa visão, parece-me que a educação bilíngue em Libras primeiro, e português em segundo, oferece uma oportunidade educacional proposta que possibilitaria a aprendizagem significativa de indivíduos com perda auditiva e as características linguísticas, cognitivas e sociais dos alunos surdos. No caso da Libras, segundo Quadros e Karnopp (2004), ela possui sua própria estrutura intrínseca, central para a identidade e a formação do pensamento desses sujeitos. O presente artigo tenta considerar a influência da educação bilíngue no nível de realização dos alunos surdos, bem como a eficácia das formas convencionais de ensino. A necessidade de conhecer as maneiras como a linguagem interfere na compreensão, cognições e conhecimento são as razões por trás da pesquisa também, que são discutidas por Vygotsky (1991), que afirma uma conexão estreita entre o desenvolvimento humano com a interação social e como a linguagem apoia esse processo.



METODOLOGIA

O método utilizado por esta pesquisa é qualitativo, exploratório e descritivo. A natureza qualitativa da pesquisa, explica Minayo (2009), incentiva os pesquisadores a explorarem fenômenos sociais, incluindo a subjetividade e especificidade do contexto examinado sem buscar generalização para toda a população. O modo exploratório visa à familiarização com o fenômeno seguido pelo descritivo, que tenta descrever características de uma determinada população ou fenômeno e as relações entre variáveis.

Os processos utilizados incluíram revisão bibliográfica e um estudo de caso. Com base em autores como Strobel (2008), Quadros e Karnopp (2004), e Skliar (1998), a revisão bibliográfica forneceu base para discussões sobre identidade e cultura surda, a estrutura da Libras e a educação bilíngue. Yin (2018) indicou que o estudo de caso permitiu um estudo aprofundado e contextualizado do fenômeno da inclusão bilíngue de uma estudante surda que frequenta uma escola estadual localizada na Paraíba.

Observação indireta e análise documental foram utilizadas para coletar os dados. Usando observação indireta, registros e documentos escolares relacionados à estudante, incluindo relatórios pedagógicos e avaliações, foram estudados para avaliar sua experiência educacional. Segundo Cellard (2008), essa análise documental permitiu obter dados detalhados sobre o comportamento acadêmico e o contexto de inclusão da estudante e o papel do intérprete de Libras que a acompanha em sala de aula. A análise dos dados foi realizada de forma qualitativa, tentando articular os dados coletados na revisão bibliográfica. Assim, as práticas pedagógicas implementadas, a autonomia da estudante para aprender e seu desenvolvimento cognitivo em um ambiente bilíngue foram elucidados. Essa abordagem de interpretação nos permitiu refletir sobre as melhores práticas no ensino e aprendizagem de estudantes surdos, moldando assim a discussão em torno da inclusão bilíngue nas escolas hoje.

REFERENCIAL TEÓRICO

A inclusão educacional de estudantes surdos é baseada na suposição de que a diferença é constitutiva e enriquece os ambientes escolares. Inclusão não significa simplesmente colocar estudantes com deficiência em salas de aula regulares, mas, para isso, os educadores devem ser responsivos à especificidade linguística, cognitiva e



pedagógica de cada estudante e às abordagens pedagógicas para atender a essas necessidades específicas (Mantoan, 2003). Claro, em termos de surdos, o reconhecimento da língua também envolve inevitavelmente o reconhecimento de sua Libras como língua materna, bem como o estabelecimento de práticas para a educação bilíngue que permitam o mesmo acesso ao conhecimento e as mesmas bases para a aprendizagem.

Segundo Skliar (1998), a educação bilíngue para surdos não deve ser vista apenas como adaptações curriculares, mas sim como um reconhecimento da surdez como uma condição cultural e linguisticamente distinta. “A educação bilíngue argumenta que, para os surdos, eles aprendem em sua própria língua e cultura; que não são sujeitos a serem normalizados, mas cidadãos com direitos à diferença.” (Skliar, 1998, p. 45). Esta proposição contesta a visão médica e assistencial da surdez como uma deficiência e fornece o modelo sociocultural, focando em vez disso neles como sujeitos dentro de sua própria cultura e língua, com maneiras particulares de ser e se comportar.

Com base nessa teoria, Strobel (2008) fornece um modelo tipológico para a cultura surda, consistindo em diferentes valores, práticas, experiências visuais e estilos de comunicação que distinguem a população surda da sociedade ouvinte. O contexto escolar deve servir como um espaço para a afirmação identitária e linguística, e o estudante surdo deve ser capaz de construir independência intelectual e social a partir da Libras (sua língua nativa). Isso faz com que uma abordagem bilíngue ideal, onde Libras e português escrito funcionem em conjunto de forma funcional e em um contexto de apoio.

De acordo com Quadros e Karnopp (2004), Libras é uma língua visuoespacial, com uma rica estrutura gramatical que existe independentemente do português, e que inclui características como arranjo das mãos, movimentos, pontos de articulação, orientações e expressões faciais para gerar significado. No entanto, entender essas características será fundamental para o desenvolvimento de práticas pedagógicas que sejam conscientes e promovam o crescimento linguístico e cognitivo dos estudantes surdos. Elas são importantes porque a ausência de professores bilíngues e intérpretes qualificados impacta a comunicação, mas também altera as condições educacionais e o envolvimento dos alunos surdos.

Além disso, a teoria sociocultural de Vygotsky (1991) afirma que são as interações sociais nas quais o desenvolvimento ocorre que são mediadas pela linguagem, e assim posiciona a Libras no centro dessa teoria como um meio para



aprender a construir o pensamento e, como tal, permitindo que o estudante surdo desenvolva seu crescimento cognitivo por conta própria. Assim, excluir a Libras da escola marca o exílio do estudante surdo da vida intelectual e cultural.

No âmbito da surdez, isso pressupõe perceber o estudante surdo como um sujeito digno de uma educação ativa e produtiva, cuja existência linguística e cultural deve ser honrada com compaixão. Portanto, a Libras não está mais presa a um ideal onde a comunicação verbal pode ser restrita como meio de discussão; em vez disso, ela quebra barreiras e defende o estudante surdo enquanto ele aprende. Para apoiar esse objetivo, Baptista (2015) e Castro e Sousa Alves (2019) argumentam que a inclusão efetiva de crianças surdas é uma questão de políticas públicas que incorporam a formação contínua de professores, acesso constante a intérpretes e recursos visuais suficientes no ambiente escolar para os alunos. Assim, esses são procedimentos muito básicos para tornar concreto que a identidade linguística desses alunos será tratada com respeito.

Do ponto de vista legal, o Decreto nº 5.626/05 estabelece a obrigatoriedade da Libras nos cursos de formação de professores e exige que seja ministrada em aulas para professores que estão no nível secundário e terciário de educação, em esforços para equipar os professores com as habilidades necessárias para trabalhar com estudantes surdos. Mas ainda existem alguns problemas concretos que precisam ser resolvidos, como a ausência de professores treinados, o nível relativamente baixo de adoção e inclusão da Libras no currículo da Educação Básica, e a necessidade de estudantes ouvintes aprenderem Libras para que possam se comunicar com pessoas surdas na sala de aula.

A escola deve ser uma comunidade intercultural, um caldeirão que permite o compartilhamento de experiências, que desmistifica preconceitos, que considera as diferenças como um aspecto do progresso social, um ativo da comunidade. Além disso, a educação inclusiva vai além de uma sala de aula, para o campo da integração sociopolítica – estamos visando facilitar a inclusão de estudantes surdos na sociedade, no mercado de trabalho e na vida cívica com plena capacidade de pensar e agir por si mesmos. E assim, a educação bilíngue Libras-Português é essencial se os direitos desses estudantes à qualidade de uma cidadania educada forem atendidos: à oportunidade de estudar, pesquisar, compreender, apreciar e valorizar a diferença de cultura e língua sendo o próprio fundamento da educação democrática e da mudança social. Mais importante ainda, pesquisas demonstram que a combinação de professores bilíngues,



intérpretes proficientes e a aplicação de técnicas visuais e participativas leva a um aumento da participação na educação de surdos, melhora a compreensão de leitura e fortalece as realizações acadêmicas entre os estudantes surdos (Quadros; Karnopp, 2004; Skliar, 1998). Assim, a educação bilíngue não é apenas a transmissão de conteúdo, mas também um meio para a circulação autêntica de cultura e a construção de conhecimento genuíno para os surdos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Estudantes surdos estudam melhor em educação e comunicação, alcançam mais academicamente, têm mais liberdade comunicativa e exibem um nível mais alto de compreensão textual ao aprender línguas bilíngues. Quadros e Karnopp (2004) descobriram que a Libras como primeira língua promove um desenvolvimento cognitivo mais coerente. Por outro lado, escolas onde a ênfase está na oralidade são frequentemente locais de exclusão simbólica, ignorando a diversidade linguística dos alunos surdos (Skliar, 1998).

Intérpretes e professores bilíngues têm sido cruciais para mediar entre o aluno e o conhecimento. Com base no caso observado, o observador pode perceber que o intérprete é, de fato, a ponte linguística/cultural, permitindo que o aluno participe e lide com o conteúdo e alcance o nível social. Mas permanece um desafio constante, pois os professores continuam pouco versados em Libras e em conteúdo adaptado. Esses achados estão em linha com a visão de Freire (1996) de que a prática pedagógica deve ser propícia à escuta, ao diálogo e ao reconhecimento do outro.

De fato, a inclusão dos surdos abrange as dimensões linguística, cultural e afetiva da educação, além da mera acessibilidade.

Aqui podemos evidenciar que as vivências da aluna M. L. F. matriculada no 3º Ano do Ensino Médio de uma escola da Paraíba, está em consonância com os achados da pesquisa, tanto pelas análises dos relatórios descritivos de acompanhamento escolar, elaborado pela sua intérprete periodicamente, quanto pelas imagens. A aluna em questão, objeto de estudo do nosso caso, mostra-se empenhada em desenvolver todas as suas potencialidades e os profissionais envolvidos nesse processo são responsáveis por garantir que todas as oportunidades sejam efetivadas e contribuam para o seu sucesso e crescimento acadêmico e pessoal.



Figura 1 - A aluna surda participa dos acolhimentos temáticos que ocorrem diariamente a Ecit.



Fonte: Arquivo pessoal / registro de relatório

Figura 2- Clube de libras. A aluna junto com a sua intérprete no horário do almoço (escola integral) criou um clube para ensinar o básico de libras para alunos ouvintes



Fonte: Arquivo pessoal / registro de relatório

Figura 3- Praticando libras com alunos ouvintes de outras turmas



Fonte: Arquivo pessoal / registro de relatório

Figura 4- 1ª redação que a aluna escreveu. Junto com a prof. de língua portuguesa e sua intérprete



Fonte: Arquivo pessoal / registro de relatório



Figura 5- A aluna participa de várias atividades além dos componentes da BNCC. Como por exemplo: oficinas



Fonte: Arquivo pessoal / registro de relatório

Podemos observar que as práticas pedagógicas diversificadas, tendo como base a sequência da Libras e Português, proporcionam uma gama de atividades que oportuniza não apenas o crescimento acadêmico da aluna com deficiência, mas também aos alunos ouvintes, garantindo mais interação e reafirmando com efetividade os propósitos da inclusão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que existe um consenso de que os estudos de linguagem bilíngue em Libras-Português são uma abordagem pedagógica poderosa e bem-sucedida para garantir um ambiente de aprendizagem mais inclusivo e respeitoso cultural, social e academicamente para estudantes surdos. Além de ser apenas uma abordagem, é uma que é de natureza político-pedagógica, que reconhece e legitima a Libras como a



primeira língua (L1) e o Português como a segunda língua (L2) dos surdos e garante o direito das pessoas afetadas de aprenderem em sua língua materna

A educação bilíngue proporciona educação para surdos e garante a aquisição de conhecimento por meio de uma pedagogia que dá preferência à L1 (identidade linguística), de modo que a atividade de aprendizagem se torne significativa e equitativa. Esse bilinguismo não é apenas uma forma de ferramenta de comunicação, mas também um meio de desenvolver conhecimento, independência e cidadania nesses aspectos.

Assim, a escola se torna não apenas um transmissor de conteúdo, mas uma instituição que valoriza as diferenças, cultiva a mistura entre culturas e uma educação realmente democrática e plural. Essa conceituação é construída sobre um dos fundamentos da valorização da identidade surda. A surdez deve ser identificada e vista em termos de diferença cultural e linguística, em vez de como uma patologia a ser corrigida. Assim, a escola precisa aceitar a singularidade da comunidade surda e desenvolver condições que permitam ao estudante se ver como um sujeito ativo, parte de uma cultura visual, com plenos direitos linguísticos e educacionais.

Mas executar essa proposta requer o compromisso das redes educacionais com políticas públicas para a formação inicial e contínua de professores em Libras, contratação adequada de intérpretes qualificados e produção de materiais didáticos bilíngues. Isso também significará projetar ambientes escolares inclusivos e sensíveis visualmente, onde a comunicação, interação e aprendizagem sejam autônomas e participativas. A inclusão efetiva dos surdos não é apenas uma questão de ter pessoas fisicamente dentro da sala de aula, é um entendimento de que os surdos são sujeitos de linguagem, cultura e identidade e as formas de aprender e comunicar que eles fazem são o lugar legítimo de respeito pelo espaço para aprender e crescer e para se construir e sustentar. Somente por meio de uma educação bilíngue constante e vigilante, com respeito pela diversidade linguística, é que se pode criar ambientes de aprendizagem verdadeiramente abertos e transformadores, lugares onde todos os alunos têm oportunidades iguais e o direito básico a uma aprendizagem de qualidade.



AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, fonte de força e sabedoria, que me sustentou e guiou em cada desafio desta jornada, iluminando meu caminho mesmo nos momentos difíceis. Sou profundamente grata à minha família, que é minha base sólida, pelo amor incondicional, apoio constante e incentivo indispensável para que eu pudesse alcançar meus objetivos e superar todos os obstáculos.

REFERÊNCIAS

BAPTISTA, C. R. et al. **Inclusão e escolarização: múltiplas perspectivas**. 2. ed. Porto Alegre: Mediação, 2015.

CASTRO, P. A.; SOUSA ALVES, C. O. **Formação docente e práticas pedagógicas inclusivas**. E-Mosaicos, v. 7, p. 3–25, 2019.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

MANTOAN, M. T. E. **Inclusão escolar: o que é? por quê? como fazer?** São Paulo: Moderna, 2003.

QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. B. **Língua de Sinais Brasileira: estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

SKLIAR, C. **Educação & exclusão: abordagens socioantropológicas em educação especial**. Porto Alegre: Mediação, 1998.

STROBEL, K. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2008.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

